

Thiago Barbosa Soares

*Concisa*  
apresentação  
da LINGUÍSTICA

um panorama  
da gramática  
comparada  
à pragmática

Thiago Barbosa Soares

*Concisa*  
apresentação  
da **LINGUÍSTICA**

um panorama  
da gramática  
comparada  
à pragmática

 pimenta  
cultural  
2020  
SÃO PAULO

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2020 o autor.

Copyright da edição © 2020 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelo autor para esta obra. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade do autor, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.

## CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

### Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela <i>Universidade Católica do Paraná, Brasil</i>	Breno de Oliveira Ferreira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil</i>	Carla Wanessa Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alexandre Antonio Timbane <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Alexandre Silva Santos Filho <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Aline Daiane Nunes Mascarenhas <i>Universidade Estadual da Bahia, Brasil</i>	Daniel Nascimento e Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Pires de Moraes <i>Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Danielle Aparecida Nascimento dos Santos <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>
Ana Carolina Machado Ferrari <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Delton Aparecido Felipe <i>Universidade Estadual de Maringá, Brasil</i>
Andre Luiz Alvarenga de Souza <i>Emill Brunner World University, Estados Unidos</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Doris Roncarelli <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Católica de Pernambuco, Brasil</i>	Elena Maria Mallmann <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i>	Emanoel Cesar Pires Assis <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Erika Viviane Costa Vieira <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>
Beatriz Braga Bezerra <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>	Everly Pegoraro <i>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil</i>
Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Fábio Santos de Andrade <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>

- Fauston Negreiros  
*Universidade Federal do Ceará, Brasil*
- Felipe Henrique Monteiro Oliveira  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*
- Fernando Barcellos Razuck  
*Universidade de Brasília, Brasil*
- Francisca de Assiz Carvalho  
*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*
- Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*
- Gabrielle da Silva Forster  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*
- Guilherme do Val Toledo Prado  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*
- Hebert Elias Lobo Sosa  
*Universidad de Los Andes, Venezuela*
- Helciclever Barros da Silva Vitoriano  
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais  
Anísio Teixeira, Brasil*
- Helen de Oliveira Faria  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*
- Heloisa Candello  
*IBM e University of Brighton, Inglaterra*
- Heloisa Juncklaus Preis Moraes  
*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*
- Ismael Montero Fernández,  
*Universidade Federal de Roraima, Brasil*
- Jeronimo Becker Flores  
*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*
- Jorge Eschriqui Vieira Pinto  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*
- Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*
- José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia  
*Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*
- Josué Antunes de Macêdo  
*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*
- Júlia Carolina da Costa Santos  
*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*
- Julia Lourenço Costa  
*Universidade de São Paulo, Brasil*
- Juliana de Oliveira Vicentini  
*Universidade de São Paulo, Brasil*
- Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*
- Julierme Sebastião Morais Souza  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*
- Karlla Christine Araújo Souza  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*
- Laionel Vieira da Silva  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*
- Leandro Fabricio Campelo  
*Universidade de São Paulo, Brasil*
- Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*
- Leonardo Pinheiro Mozdzenski  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*
- Lidia Oliveira  
*Universidade de Aveiro, Portugal*
- Luan Gomes dos Santos de Oliveira  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*
- Luciano Carlos Mendes Freitas Filho  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*
- Lucila Romano Tragtenberg  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*
- Lucimara Rett  
*Universidade Metodista de São Paulo, Brasil*
- Marceli Cherchiglia Aquino  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*
- Marcia Raika Silva Lima  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*
- Marcos Uzel Pereira da Silva  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*
- Marcus Fernando da Silva Praxedes  
*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil*
- Margareth de Souza Freitas Thomopoulos  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*
- Maria Angelica Penatti Pipitone  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*
- Maria Cristina Giorgi  
*Centro Federal de Educação Tecnológica  
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*
- Maria de Fátima Scaffo  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*
- Maria Isabel Imbronito  
*Universidade de São Paulo, Brasil*
- Maria Luzia da Silva Santana  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*
- Maria Sandra Montenegro Silva Leão  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*
- Michele Marcelo Silva Bortolai  
*Universidade de São Paulo, Brasil*
- Miguel Rodrigues Netto  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*
- Nara Oliveira Salles  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*
- Neli Maria Mengalli  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Patricia Biegling  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Patrícia Helena dos Santos Carneiro  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Patrícia Oliveira  
*Universidade de Aveiro, Portugal*

Patricia Mara de Carvalho Costa Leite  
*Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil*

Paulo Augusto Tamanini  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Priscilla Stuart da Silva  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Radamés Mesquita Rogério  
*Universidade Federal do Ceará, Brasil*

Ramofly Bicalho Dos Santos  
*Universidade de Campinas, Brasil*

Ramon Taniguchi Piretti Brandao  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Rarielle Rodrigues Lima  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

Raul Inácio Busarello  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Renatto Cesar Marcondes  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Ricardo Luiz de Bittencourt  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Rita Oliveira  
*Universidade de Aveiro, Portugal*

Robson Teles Gomes  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Rodiney Marcelo Braga dos Santos  
*Universidade Federal de Roraima, Brasil*

Rodrigo Amancio de Assis  
*Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*

Rodrigo Sarruge Molina  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Rosane de Fatima Antunes Obregon  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Sebastião Silva Soares  
*Universidade Federal do Tocantins, Brasil*

Simone Alves de Carvalho  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Stela Maris Vaucher Farias  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Tadeu João Ribeiro Baptista  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Tania Micheline Miorando  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Tarcisio Vanzin  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Thiago Barbosa Soares  
*Universidade Federal de São Carlos, Brasil*

Thiago Camargo Iwamoto  
*Universidade de Brasília, Brasil*

Thyana Farias Galvão  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Valdir Lamim Guedes Junior  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Valeska Maria Fortes de Oliveira  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

Vania Ribas Ulbricht  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Wagner Corsino Enedino  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

Wanderson Souza Rabello  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Washington Sales do Monte  
*Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Wellington Furtado Ramos  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

## PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

### Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Adilson Cristiano Habowski  
*Universidade La Salle - Canoas, Brasil*

Adriana Flavina Neu  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Aguimario Pimentel Silva  
*Instituto Federal de Alagoas, Brasil*

Alessandra Dale Giacomini Terra  
*Universidade Federal Fluminense, Brasil*

Alessandra Figueiró Thornton  
*Universidade Luterana do Brasil, Brasil*

Alessandro Pinto Ribeiro  
*Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*

Alexandre João Appio  
*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*

Aline Corso  
*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*

Aline Marques Marino  
*Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil*

Aline Patrícia Campos de Tolentino Lima  
*Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil*

Ana Emídia Sousa Rocha  
*Universidade do Estado da Bahia, Brasil*

Ana Iara Silva Deus  
*Universidade de Passo Fundo, Brasil*

Ana Julia Bonzanini Bernardi  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

André Gobbo  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Andressa Antonio de Oliveira  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Andressa Wiebusch  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Angela Maria Farah  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Anísio Batista Pereira  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Anne Karynne da Silva Barbosa  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

Antônia de Jesus Alves dos Santos  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Antonio Edson Alves da Silva  
*Universidade Estadual do Ceará, Brasil*

Ariane Maria Peronio Maria Fortes  
*Universidade de Passo Fundo, Brasil*

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior  
*Universidade do Estado da Bahia, Brasil*

Bianca Gabriely Ferreira Silva  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

Bianka de Abreu Severo  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos  
*Universidade do Vale do Itajaí, Brasil*

Bruna Donato Reche  
*Universidade Estadual de Londrina, Brasil*

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Camila Amaral Pereira  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Carlos Eduardo Damian Leite  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Carlos Jordan Lapa Alves  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Carolina Fontana da Silva  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Carolina Fragoso Gonçalves  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Cássio Michel dos Santos Camargo  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil*

Cecília Machado Henriques  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Cíntia Morales Camillo  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Claudia Dourado de Salces  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Cleonice de Fátima Martins  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

Cristiane Silva Fontes  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Cristiano das Neves Vilela  
*Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Daniele Cristine Rodrigues  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Daniella de Jesus Lima  
*Universidade Tiradentes, Brasil*

Dayara Rosa Silva Vieira  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Dayse Rodrigues dos Santos  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Dayse Sampaio Lopes Borges  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima  
*Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil*

Diego Pizarro  
*Instituto Federal de Brasília, Brasil*

Diogo Luiz Lima Augusto  
*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil*

Ederson Silveira  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Elaine Santana de Souza  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Eleonora das Neves Simões  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Elias Theodoro Mateus  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*

- Elisiene Borges Leal  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*
- Elizabeth de Paula Pacheco  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*
- Eliizânia Sousa do Nascimento  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*
- Elton Simomukay  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*
- Elvira Rodrigues de Santana  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*
- Emanuella Silveira Vasconcelos  
*Universidade Estadual de Roraima, Brasil*
- Érika Catarina de Melo Alves  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*
- Everton Boff  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*
- Fabiana Aparecida Vilaça  
*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*
- Fabiano Antonio Melo  
*Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
- Fabricia Lopes Pinheiro  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*
- Fabício Nascimento da Cruz  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*
- Francisco Geová Goveia Silva Júnior  
*Universidade Potiguar, Brasil*
- Francisco Isaac Dantas de Oliveira  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*
- Francisco Jeimes de Oliveira Paiva  
*Universidade Estadual do Ceará, Brasil*
- Gabriella Eldereti Machado  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*
- Gean Breda Queiros  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*
- Germano Ehler Pollnow  
*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*
- Glaucio Martins da Silva Bandeira  
*Universidade Federal Fluminense, Brasil*
- Graciele Martins Lourenço  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*
- Handherson Leylton Costa Damasceno  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*
- Helena Azevedo Paulo de Almeida  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*
- Heliton Diego Lau  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*
- Hendy Barbosa Santos  
*Faculdade de Artes do Paraná, Brasil*
- Inara Antunes Vieira Willerdig  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*
- Ivan Farias Barreto  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*
- Jacqueline de Castro Rimá  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*
- Jeane Carla Oliveira de Melo  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*
- João Eudes Portela de Sousa  
*Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil*
- João Henriques de Sousa Junior  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*
- Joelson Alves Onofre  
*Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil*
- Juliana da Silva Paiva  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*
- Junior César Ferreira de Castro  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*
- Lais Braga Costa  
*Universidade de Cruz Alta, Brasil*
- Leia Mayer Eyng  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*
- Manoel Augusto Polastrelli Barbosa  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*
- Marcio Bernardino Sirino  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*
- Marcos dos Reis Batista  
*Universidade Federal do Pará, Brasil*
- Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*
- Michele de Oliveira Sampaio  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*
- Miriam Leite Farias  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*
- Natália de Borba Pugens  
*Universidade La Salle, Brasil*
- Patricia Flavia Mota  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*
- Raick de Jesus Souza  
*Fundação Oswaldo Cruz, Brasil*
- Railson Pereira Souza  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*
- Rogério Rauber  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*
- Samuel André Pompeo  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*
- Simoni Urnau Bonfiglio  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Tayson Ribeiro Teles  
*Universidade Federal do Acre, Brasil*

Valdemar Valente Júnior  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

Wallace da Silva Mello  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Wellton da Silva de Fátima  
*Universidade Federal Fluminense, Brasil*

Weyber Rodrigues de Souza  
*Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil*

Wilder Kleber Fernandes de Santana  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

## PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial Patricia Biegging  
Raul Inácio Busarello

Diretor de sistemas Marcelo Eyng

Diretor de criação Raul Inácio Busarello

Assistente de arte Elson Moraes

Editoração eletrônica Lígia Andrade Machado

Imagens da capa J.pranee; Pikisuperstar - Freepik.com

Editora executiva Patricia Biegging

Assistente editorial Peter Valmorbida

Revisão Sthefan Bravin Ponche

Autor Thiago Barbosa Soares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

S676c Soares, Thiago Barbosa -  
Concisa apresentação da linguística: um panorama da  
gramática comparada à pragmática. Thiago Barbosa  
Soares. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 55p..

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-88285-61-9 (eBook)

978-65-88285-62-6 (brochura)

1. Linguística. 2. Gramática. 3. Pragmática. 4. Linguagem.  
5. Dialetologia. I. Thiago Barbosa Soares. II. Título.

CDU: 80

CDD: 410

DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.619

---

**PIMENTA CULTURAL**

São Paulo - SP

Telefone: +55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 0

# SUMÁRIO

<b>Apresentação: as dialetologias</b> .....	<b>10</b>
<i>Greize Alves da Silva</i>	
<b>Introdução</b> .....	<b>18</b>
<b>Concisa apresentação da linguística:</b> um panorama da gramática comparada à pragmática .....	<b>20</b>
<b>Referências</b> .....	<b>52</b>
<b>Sobre o autor</b> .....	<b>54</b>
<b>Índice Remissivo</b> .....	<b>55</b>

## APRESENTAÇÃO: AS DIALETOLOGIAS

A publicação da obra “Concisa apresentação da Linguística: um panorama da gramática comparada à pragmática”, de autoria de Thiago Barbosa Soares, dedica-se a desvencilhar os caminhos e os percalços encontrados para a consolidação das vertentes teóricas que tem a língua(gem) como instrumento de trabalho, formando a ciência maior: a Linguística.

Atrevo-me a dizer que em termos de Linguística nenhuma das tendências descritas no presente livro atua de forma totalmente autônoma, sem necessariamente adentrar o campo teórico ou metodológico de suas correntes irmãs. Como exemplo dessa constatação, falo sobre a Dialetoлогия, minha vertente de ofício.

Assim como é exposto por Soares, é inegável a contribuição dos gregos para o que hoje se compreende dentro do vasto campo da Linguística e, mais especificamente, na Dialetoлогия, sobretudo no que tange ao próprio *métier* da área em foco: os *dialektos*, como eles variam e porque mudam.

Em essência, Dialetoлогия é compreendida como a responsável por se estudar as diferenciações dialetais. Para Dubois, “designa a disciplina que assumiu a tarefa de *descrever* comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os *limites*.” (1978, p. 185 [grifos nossos]).

Nas palavras do autor, dois pontos podem ser destacados e neles estão centrados os princípios da vertente em questão: i) a *descrição* dos dialetos e ii) a identificação de seus *limites*. Em termos

historiográficos, a Dialetoлогия segue as tendências de cada período dos estudos linguísticos, ou seja, ela é filha de seu tempo. São várias as Dialetologias que, ao longo da trajetória, buscaram novas filiações teórico-metodológicas para adequar seu campo de estudo na tentativa de “processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada” (TARALLO, 1997, p. 5).

Assim como nas primeiras correntes da Linguística, em que se buscava estabelecer estágios mais antigos das línguas, no intento da identificação de uma protolíngua, tem-se o surgimento de uma Dialetoлогия como ciência, fundamentada primordialmente na diacronia<sup>1</sup>; cabia ao pesquisador determinar a evolução de um dialeto em diferentes épocas, na comparação das variações presentes em instrumentos de gramatização: os vocabulários e as gramáticas (ROMANO, 2014).

Evidencia-se que a disciplina que, por essência, tem por finalidade o estudo dos veios dialetais, ainda, nesse primeiro momento, contemplava apenas um único elemento descrito por Dubois (1978), a *descrição*, posto que os *corpora* para análises eram textos escritos e ainda não se verificavam pesquisas *in loco*.

Paralelamente, com o nascimento da corrente neogramática e com as premissas mecânicas e psíquicas decorrentes dela, há forte contraposição aos estudos dialetais em textos puramente escritos, de base diacrônica, posto que “era necessário estudar as línguas vivas atuais e os dialetos, o que propiciaria observar com facilidade o elemento psíquico da língua, pois são falados em nosso tempo” (ROMANO, 2014, p.140). Nesse sentido, à mudança linguística podem ser aplicadas leis fonéticas que a condicionam, ou também se pode estabelecer o princípio da analogia – mudança linguística que consiste na alteração de uma forma para adaptá-la a um modelo preexistente.

1 Descrição de uma língua ou de uma parte dela ao longo de sua história, com as mudanças que sofreu (HOUAISS, 2009).

Em uma transformação de paradigma, e em contraposição à lei da analogia defendida pelos neogramáticos, há a inclusão do segundo parâmetro descrito por Dubois (1978): a verificação dos limites dos dialetos, sobretudo a partir dos estudos de Graziadio Ascoli – na Itália, Georg Wenker – na Alemanha – e Jules Gilliéron – na França, o que culmina no nascimento dos Atlas Linguísticos: “mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria em una red de puntos de um território determinado” (COSERIU, 1991, p.104).

Nessa nova Dialetologia Diatópica ou Areal, cunhada principalmente por Gilliéron, em seu Atlas Linguístico da França (ALF), busca-se, *in loco*, o responsável pela variação e mudança linguística: o falante. Tem-se aqui o nascimento do principal método da Dialetologia: a *Geografia Linguística* ou *Geolinguística* e seu trabalho puramente diatópico perdurará por alguns anos<sup>2</sup>.

O falante ideal na Dialetologia Diatópica é o que comumente se define por *HARAS*: homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário, ou seja, indivíduo sem mobilidade, morador de zona rural, sem contato com os meios de comunicação, detentor de um dialeto antigo. No entanto, como contemplar um informante que se constitui atualmente como exceção, possuidor de um dialeto arcaico?

Na crise estabelecida, nascem outras disciplinas-irmãs que atrelam os fatores culturais e psicológicos à análise do processo de variação e mudança dentro das línguas naturais: a Etnolinguística, a Psicolinguística e a Sociolinguística, a última, em especial, de vital importância à Dialetologia, com a vinculação das variáveis idade, sexo, escolaridade para descrever as variações (SILVA, 2018).

2 Outras Dialetologias surgiram no cenário linguístico, em acordo com as correntes linguísticas vigentes: Dialetologia Estrutural e Dialetologia Gerativista (VENY, 1989), por exemplo.

Para Willian Labov, pai da Sociolinguística moderna, não se pode compreender as variações e mudanças de uma língua sem contemplar a comunidade de fala em que elas ocorrem, assim como as relações sociais de seus membros, as crenças e as atitudes que permeiam os saberes daquela comunidade. Desse modo, há forte vinculação dos procedimentos descritivos sociolinguísticos com a Psicologia Social, por exemplo.

Durante algum tempo, Sociolinguística e Dialetoлогия caminharam em paralelo, mas, como apontado anteriormente, ninguém, ou no caso, nenhuma disciplina caminha com seu campo de atuação negando os preceitos de outra, sobretudo quando seu aparato teórico e metodológico não se sustenta em décadas mais recentes. Ainda seria possível se fazer Dialetoлогия a partir de coleta de dados com um falante que não contemple a realidade atual, morador da zona rural e sem contatos sociais?

Faz-se necessário compreender a dinâmica das particularidades geográficas, tanto espaciais quanto sociais, a distância dos grandes centros, o número de habitantes, os deslocamentos e as migrações, as relações estabelecidas entre os membros de uma coletividade, dinâmicas essas emergidas nas últimas décadas em que o êxodo rural se faz presente e

Em termos linguísticos, os fatores de urbanização que levam uma população, inicialmente rural, para morar em área urbana evidenciam uma nova dinâmica, por vezes, marcada pelo processo de perdas das marcas dialetais, de ordem fonética, lexical ou morfossintática, conceituadas como rurais. (SILVA; BORGES, 2019, p. 84).

Nesse panorama, tem-se o surgimento da corrente que se intitula Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, cunhada por Radtke e Thun (1996), que alia os recursos da Dialetoлогия diatópica – os pontos de inquérito distribuídos pelo espaço, com os da Sociolinguística –

parâmetros sociais da comunidade de fala –, formando um estudo tridimensional da variação linguística (THUN, 2005). Sua base analítica é interdisciplinar, posto que também engloba princípios da Pragmática e da Psicolinguística em sua superfície, estabelecendo possibilidades de comparação em todas as dimensões da língua (SILVA, 2018, p. 52).

Nesse enfoque, o perfil do informante é ampliado para se contemplar as dinâmicas sociointeracionais da comunidade de fala. Assim, várias dimensões podem ser descritas, de acordo com dois macrogrupos: (i) *interindividuais*, englobando as perspectivas diatópica, diastrática, diageracional e diassexual e (ii) *intraindividuais*, com os parâmetros diafásico, contatual/dialingual e diarreferencial:

Será, pois, uma das tarefas mais importantes dessa geolingüística, a “dupla arealização” que vai da superfície ao eixo social ou, no movimento inverso, do eixo social à superfície. Enche-se, desta maneira, o interespaço deixado vazio pelos estudos sociolinguísticos quando comparam, por exemplo, duas ou mais cidades. Este programa, realmente, não é outra coisa que a sistematização do conceito tradicional que tem a geolingüística da irradiação. (THUN, 2005, p.68).

Nesse modelo teórico, que tem por base acompanhar as dinâmicas sociais, crê-se que uma das maiores inovações no campo da Dialetoлогия (e perfeitamente aplicável em termos brasileiros) seja a inserção da dimensão intitulada diatópica-cinética e a inclusão dos parâmetros topoestáticos e topodinâmicos. Topoestático diz respeito ao falante fixo à localidade, enquanto o topodinâmico refere-se ao informante procedente de migrações ou deslocamentos, mas que mora na cidade selecionada para o inquérito há alguns anos. Os dados dialetais decorrentes dos dois grupos de falantes são contrapostos para se verificar as trocas dialetais entre ambos.

Como exemplo de análise no viés da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, cito aqui um exemplo coletado no Estado do Tocantins para o questionamento: *Quando você vai viajar, é necessário arrumar*

o *quê*. Dentre as várias designações fornecidas pelos 96 informantes, encontra-se um curioso termo: *boroca*, proferido por parte dos entrevistados com certa relutância.

Caso o trabalho seguisse atualmente o modelo tradicional da Dialetoлогия, apenas se averiguando as cidades em que o termo foi citado, ter-se-ia apenas a singela constatação de que *boroca* foi citada em regiões próximas a dois importantes rios: Tocantins e Araguaia!

Porém, quando se aplicam os conceitos da Dialetoлогия Pluridimensional, a presença de *boroca* pode indicar outros elementos não tão evidentes na superfície linguística: i) a presença predominante da forma ao longo dos rios Araguaia e Tocantins, historicamente utilizados para contatos comerciais entre o norte de Goiás-Tocantins com o Pará; ii) presença do termo em falantes migrantes (topodinâmicos), denotando não se tratar apenas de forma local; iii) citação de *boroca* acompanhada por risos, revelando se tratar de um possível tabuísmo evitado pelos informantes; iv) indicação, por parte dos entrevistados, que tal termo é recorrente na fala de pessoas mais velhas e, por fim, v) comentário epilinguístico em que se indica a possível origem do termo: “eu morei em Tocantinópolis [Tocantins] e lá o pessoal muito falava a Serra Pelada [Pará]... aí, eu conheci um amigo meu que dizia: “Não, rapaz, vamos botá a *boroca* em cima do ombro e vamos vazar pra lá”, ou seja, a forma em análise designa um tipo de mochila utilizada por garimpeiros, termo usado no garimpo de Serra Pelada, Pará (BORGES; SILVA, 2020, [no prelo]).

Toda a contextualização a partir de uma única palavra, como consta no exemplo supramencionado, só pode ser demonstrada quando se estabelece uma superfície tridimensional de variação, por meio dos cruzamentos de variáveis binárias: presença *versus* ausência do termo, citação da forma em diferentes faixas etárias, localização diatópica em contraponto com o histórico das localidades, dentre outras associações permitidas nesse tipo de análise dialetológica.

Assim, espero que mesmo com a brevíssima trajetória aqui descrita – séculos de Dialetoлогия em poucas páginas – o leitor possa ter um panorama de que muitas são as teorias e os métodos que estão dispostos àqueles que se aventuram pelo vasto campo da Linguística, ciência responsável pela teorização, descrição e análise dos contextos linguísticos plurais.

Por fim, encerro este pequeno esboço sobre a Dialetoлогия, assim como reforço o convite à leitura da “Concisa apresentação da Linguística: um panorama da gramática comparada à pragmática” obra da qual tive o prazer de ser a primeira leitora.

Pessoalmente, registro profundos agradecimentos ao professor Thiago Soares, autor da presente obra; amigo na vida e na academia. Meu exímio reconhecimento, respeito e gratidão!

*Greize Alves da Silva*

Universidade Federal do Tocantins  
01 de maio de 2020.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Patrícia Andréa; SILVA, Greize Alves da. *Boroca*: indícios lexicais e geolinguísticos, 2020 [no prelo].

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística*: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

COSERIU, Eugenio. La geografia linguistica. In.: COSERIU, E. *El hombre y su lenguaje*. 2. Ed. Madrid: Gredos, 1991, p.103-158.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald (eds.). Novos caminhos da geolinguística românica: um balanço. In: ALTENHOFEN, Cléo Wilson (org.). *Cadernos de tradução*. No 5. Porto alegre: UFRGS, janeiro de 1996, p. 31-51.

SILVA, Greize Alves da. *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)*. 2018. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SILVA, Greize Alves da; BORGES, Patrícia Andréa. Presença vs ausência de traços de ruralidade no léxico tocantinense. In: *Revista do Instituto de Estudos brasileiros*. nº 72, 2019, p. 85-105. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rieb/n72/2316-901X-rieb-72-83.pdf>. Acesso em 29 abril 2020.

THUN, Harald. A Dialektologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 63-92.

## INTRODUÇÃO

Num universo dominado pela lógica da similaridade (e da simpatia cósmica), o intérprete tem o direito e o dever de suspeitar que aquilo que acreditava ser o significado de um signo seja de fato o signo de um outro significado.

(ECO, *Interpretação e superinterpretação*)

Para se fazer uma apresentação concisa da Linguística, cabe um interesse genuíno: produzir uma síntese que seja capaz de trazer o máximo de conhecimento sem grandes prejuízos quanto à perda de conteúdos importantes para o público que dele poderá fazer uso. Invariavelmente as reduções e suas imperfeições configuram a tentativa de aproximar as mais heterogêneas vertentes do pensamento linguístico daqueles que, ao apreenderem em seus matizes, conseguirão fazer as relações mais significativas da prática com sua origem teórica. O confronto entre bases epistemológicas distintas no decorrer das formulações de diversos estudiosos e cientistas da linguagem, por mais embrionário que seja nesta apresentação concisa da Linguística, deixa ver campos que nasceram, deram frutos e continuam produzindo saber acerca do homem e de como a linguagem o constitui como ser simbólico.

Portanto, devem ficar claros os objetivos que animam e dão corpo a este opúsculo, pois tocam a sincera vontade de iniciar, de maneira clara, direta e simples, os estudantes de graduação e de pós-graduação em Letras, Linguística, Comunicação Social e áreas correlatas, que tratam da linguagem como um dos principais meios de relação entre os sujeitos, aos principais caminhos tracejados pela Linguística em seus desdobramentos históricos cujos ecos se fazem sentir até os dias atuais. O propósito maior a que se destina este breve escrito é precisamente apontar para os caminhos que repercutiram no

processo de consolidação da Linguística como um campo científico de observação e exame do uso e do emprego da língua(gem). Para alcançar tal intento, simplificamos as estradas introdutórias, de modo a elucidar fatos fundamentais da própria disciplina em foco.

Uma malha de acontecimentos tece, da gramática comparada à pragmática, o desenho menos evidente e mais sério da Linguística contemporânea. Muitos deram um parecer sobre o que se fez/fazia no campo de estudo das línguas; relativamente poucos trouxeram mudanças tão consideráveis a ponto de tê-las como responsáveis por conhecimentos formalizadores de saber, como no caso de Ferdinand de Saussure; outros levaram às últimas consequências ideias menos aceitáveis (prováveis) sobre a desenvolvimento da linguagem humana e de sua capacidade plástica de modificação. Nesse horizonte, o tecido carrega a força necessária para ilustrar a capacidade heurística das principais correntes de pensamento que trouxeram para a Linguística seus mais extensos limites de atuação. Em franco diálogo com os mais diversos saberes, a Linguística não apenas se propôs a investigar a língua, *stricto sensu*, como se ocupou dessa no meio social.

Então, uma apresentação concisa da Linguística oferece um panorama dos pontos mais significativos de encontro e desencontro entre teorias e teóricos quanto a questões relacionadas ao uso, ao emprego e à descrição metalingüística de fenômenos presentes nos processos comunicativos. Por isso e por ter seu valor de conservação e de atualização histórica, converte-se em um tipo de obra que pode ser, para além de uma introdução, um texto para rápidas consultas e para curtos esclarecimentos sobre assuntos que sempre ganharam páginas e páginas para lhes tratar pouco amigavelmente. Ora, por que não conferir esta concisa apresentação da linguística e, assim, render a essa área do conhecimento as devidas considerações que lhe faltam com o mesmo carinho que foram concebidas?



CONCISA  
APRESENTAÇÃO  
DA LINGUÍSTICA:

um panorama da gramática  
comparada à pragmática

A linguística moderna tem suas raízes nos estudos da linguagem que remontam aos gregos da antiguidade. Portanto, estudar a linguagem e a língua é, desde muito tempo, um dos prazeres que o homem se impôs a fazer, todavia a formação do método linguístico se consolidou com rigor em meados do século XVII. É a partir dessa consolidação que trataremos das grandes correntes da linguística então aqui concebida como moderna (embora não desconsideremos o volume especial de conhecimento produzido antes desse período).

A impulsão dos estudos em ciências da linguagem deu-se em 1784 com a “descoberta” do sânscrito, passando pelo crivo de William Jones (1746 - 1794), que destacou o fato de que essa língua, da qual deriva o híndi, tinha afinidades com o latim e o grego. William Jones supôs haver algum parentesco entre línguas assemelhadas, como também o gótico e o celta. Desse modo ele desenvolveu duas grandes teses importantes para a consolidação da investigação em linguística moderna: a do *parentesco linguístico* e a do *protótipo comum* (LEROY, 1971).

Assim, surgiu a noção de gramática comparada, terminologia cristalizada por Friedrich von Schlegel (1772 - 1829); seu irmão August Wilhelm Schlegel (1767 - 1845), propôs uma tipologia para as línguas, a saber, *isolantes* (não possuidoras de flexão, de maneira que as informações gramaticais propagadas por flexão em línguas flexionais fossem expressas por palavras invariáveis [LYONS, 1979]), *afixantes* (possuidoras de morfemas que modificam o sentido de itens lexicais não aglutinantes) e *flexionais* (possuidoras de morfemas modificadores do sentido de itens lexicais invariavelmente aglutinantes), posteriormente usada por Alexander von Humboldt (1769 - 1859). Mas foi com Jacob Grimm (1785 - 1863) no início do século XIX e a partir de seus estudos comparados do latim, do grego e do gótico que surgiu a *Lei de Grimm* – em exemplo, onde nas línguas germânicas havia graficamente um “f”, no latim e no grego comportavam um “p”. Entretanto, a mudança fonética derivada dessa observação, entre outras, mesmo sendo

uma tendência geral, não era observada em todos os casos. Um fato comumente levantado para sustentar a *Lei de Grimm* era a relação entre o “lat. *pater* /e o gót. *fadar*” (LEROY, 1971, p. 52).

Uma ideia fundante nesse período foi a de mudança linguística desenvolvida pelo dinamarquês Rasmus Rask (1787 - 1832), que, ao comparar a forma de numerosas palavras de diferentes línguas, demonstrou o parentesco que sons de uma língua estabeleciam com outra, consubstanciando o postulado naturalista de estabilidade das espécies e, por conseguinte, das línguas. Rask divergiu de muitos linguistas de sua época, porquanto não concordava com a hipótese da língua-mãe, cujo principal defensor era Franz Bopp (1791 - 1867). Este foi um dos cientistas alemães adeptos da ideia da língua como organismo linguístico. Em sua época muitos estudiosos acreditavam no sânscrito como o tronco inicial do qual todas as línguas indoeuropeias derivariam ao final de uma longa transformação por um dos processos de organização flexional das línguas, resultante de um estado de afixação em um passado remoto.

Salientou-se outro aspecto dentro da gramática comparada, a antropologia linguística de Wilhelm von Humboldt<sup>3</sup> (1767 - 1835) restituiu a concepção de língua como expressão do gênio popular. Nesse sentido, Humboldt defendeu a relação de um material sonoro cada vez mais específico que articulava representações semânticas que concebessem a noção de forma interna da linguagem, tal teorização foi considerada uma aproximação do esquematismo kantiano<sup>4</sup>.

Posto isto, pode-se dizer que Humboldt prosseguiu suas pesquisas por ter reconhecido três princípios. Um que alvitava que a

3 Humboldt influenciou praticamente todo o pensamento linguístico posterior. Seu essencialismo será sentido na Gramática Gerativa e criticado pelo círculo bakhtiniano sob o rótulo de *subjetivismo individualista*.

4 De maneira bastante simplista, o esquematismo kantiano pode ser entendido como a capacidade humana de subsumir conceitos universais a partir de critérios dedutíveis tanto de uma razão transcendentalmente pura quanto de uma razão empiricamente prática.

linguagem era um modo de atividade do espírito. Outro que percebia a linguagem como unificadora da dimensão espiritual e da material, sonora, ou seja, segundo este princípio a linguagem seria um receptáculo do espírito para se exprimir através da matéria. E o último, que compreendia a forma interna da linguagem como determinante para uma organização particular de cada idioma. Portanto, Humboldt acreditava que a língua e o pensamento eram faces de uma mesma moeda. Daí sua afirmação de que a essência da língua provinha de uma atividade criadora e dinâmica (*energeia*) que, por sua vez, diferenciava-se de seu produto (*ergon*) imediatamente perceptível, isto é, do uso da língua (CARBONI, 2012).

Paralelamente aos trabalhos de Humboldt, encontram-se os de August Schleicher (1821 - 1868). No declínio do comparativismo estava a Linguística histórica de Schleicher, constituindo ao mesmo tempo uma síntese e uma superação de Rask e Bopp. Seu método comparatista tinha por finalidade reconstituir os intervalos que separam duas línguas aparentadas. Schleicher recusava o postulado de que o sânscrito constituiria a língua-mãe, portanto formulou a hipótese do indo-europeu, e partindo dessa conjectura todo empreendimento comparatista redefiniu-se em linguística histórica. Assim, a linguística histórica visava reconstruir os lapsos dos estados de evolução das línguas (PAVEAU; SARFATI, 2006). Dessa forma, o esforço de Schleicher marcou duas inovações metodológicas: a) o esquema de árvore genealógica<sup>5</sup> em linguística; b) e a reconstrução do indo-europeu primitivo.

Schleicher, de modo semelhante a Bopp, considerou as línguas como organismos vivos, distinguindo nelas dois grandes e diferentes estados de evolução: um pré-histórico, marcado pela emergência das informações cada vez mais complexas; outro, um estado histórico

5 Tal teoria acabou por produzir uma divisão das línguas entre *centum* e *satem*, conforme a raiz mais remota do numeral "cem" na árvore genealógica das línguas.

caracterizado por involução da organização formal das línguas. Assim, Schleicher divergia de Humboldt no que concerne à avaliação filosófica das diferenças idiomáticas, porém partilhava com este a herança das gramáticas gerais e a convicção de que a linguagem representava uma formalização sonora do pensamento, o que influenciou muitos outros cientistas da época (ibid.).

Com o positivismo sendo a principal vertente metodológica aplicada nas ciências, a gramática comparada perdeu fôlego por conta da crítica ao historicismo. Um dos primeiros a receber as críticas, dos autoproclamados neogramáticos, foi Schleicher, seguido por Humboldt. Esses linguistas positivistas, os neogramáticos, afirmavam o primado das *leis fonéticas*, cujas análises deveriam produzir explicações das causas que conduzissem às mudanças linguísticas. Com tal intuito empregaram a observação indutiva e dedutiva utilizadas como perspectivas explicativas e interpretativas das ciências. É nesse contexto que a natureza das mudanças linguísticas foi ratificada como advinda das ações mecânicas em relação às quais a vontade humana nada valia. Ao lado da causa mecânica (articulatória), aventou-se a tendência à analogia<sup>6</sup>, pertencente ao plano psicológico. Dessa forma, portanto, a lei da analogia possuía em sua base formal duas causas: a lei fonética (causa articulatória) e a causa psicológica.

“A grande contribuição das gramáticas comparadas foi evidenciar que as mudanças são regulares, têm uma direção. Não são caóticas, como se pensava” (ORLANDI, 2012, p. 14). Realmente figurava entre as grandes contribuições desses novos comparativistas o fato de denunciarem o caráter ilusório da escrita em relação à fala, e, conseqüentemente, de elegerem, portanto, os sons como objetos de suas análises. Foi a partir desse ponto de vista que emergiu a Dialetoлогия, que reexaminou as repartições difusas de mudanças

6 A analogia será vista como a porta “pela qual vão se precipitar o formalismo e o subjetivismo” (cf. MALDIDIER, 2017, p. 32), depois que o *Curso de linguística geral* a tratar como mecanismo interno à língua e “de ordem psicológica” (cf. SAUSSURE, 1972, p. 191).

ocorrentes em distintas regiões geográficas. Aqui nasciam debates teóricos que envolveram três grandes problemas, a saber, a função e a natureza da linguagem seguidas do estatuto da ciência linguística.

Para a reflexão sobre a função da linguagem, Jean-Jacques Rousseau (1712 - 1778) articulou duas teses. A primeira referia-se a um estado primeiro da natureza da linguagem em que eram expressas as emoções, enquanto na segunda, em um estado mais tardio, a linguagem era rebaixada à expressão das necessidades. “Pretende-se que os homens tenham inventado a palavra para expressar suas necessidades: essa opinião parece-me insustentável” (ROUSSEAU, 2008, p. 103). Os neogramáticos romperam com tais concepções preconizando uma função comunicativa da linguagem. No tocante à natureza da linguagem, houve uma forte conceituação dessa como um organismo vivo por uma boa parte dos neogramáticos. Foi, então, nesse momento histórico que o estatuto científico da linguística passou por uma revisão metodológica em conjunto com outras ciências, haja vista a emergência gradual do positivismo. Porém, foi com o norteamericano William Dwight Whitney (1827 - 1894) que surgiu a ideia de uma Linguística Geral. “A ciência física, de um lado, e a psicologia, do outro, estão competindo para tomar posse da ciência linguística, que na verdade não pertence a nenhuma delas” (WHITNEY, 1875 apud WEEDWOOD, 2002, p. 95).

Para Whitney o estudo dos fatos de linguagem foi priorizado. Também propôs limites à linguística, tais como a recusa da perspectiva metafísica e teológica escoltada pela distinção ente linguística e psicologia, ademais tentou equilibrar o antigo e o novo, hierarquizando dados vindos do comparativismo e da ciência da linguagem, os quais desembocaram na faculdade de linguagem (PAVEAU; SARFATI, 2006).

Nesse sentido o linguista norte-americano instaurou a linguagem como faculdade antropológica (capacidade do povo) e como a atividade *linguageira* específica ligada ao domínio de

uma língua (produto adquirido). Foi essa distinção que fortemente caracterizou a transmissão e a aprendizagem da linguagem como atividade histórico-cultural. Assim, sem negligenciar a contribuição individual, a linguagem foi concebida como uma obra coletiva. Sobre esse entrelaçamento dinâmico, Whitney asseverou que ninguém se dá conta do uso que faz da linguagem, embora saiba que a use, ou seja, existe o caráter “inconsciente” na faculdade da linguagem.

Ainda para o linguista norteamericano, o ponto de vista utilitarista prevaleceu, pois a língua continuou a ser vista, de sua perspectiva, como meio de comunicação. Whitney promoveu, então, uma ruptura, mormente, com a concepção de língua como instituição em que os signos são ao mesmo tempo convencionais e arbitrários (o *Curso de linguística geral* tratou com bastante propriedade desse aspecto) e com o desnudamento da supressão do traço humano da linguagem. Criticou, ainda, o postulado de assimilação das leis linguísticas às leis naturais (presentes nas obras de Schleicher).

Nessa toada, a gramática comparada ganhou com Gaston Paris (1839 - 1903) uma roupagem que lhe permitiu promover uma filologia científica; mas foi com o aluno de Paris Jules Gilliéron (1854 - 1926) que os estudos da linguagem, através da dialetologia, ganharam força na França. No interior de uma sociedade extremamente puritana, Gilliéron fundou uma geografia linguística, que teve como um de seus representantes Paul Passy (1859 - 1939), cuja reflexão se deu no âmbito das restrições da forma ortográfica em detrimento das formas orais. Outros que aprofundaram pontos da incipiente ciência da linguagem dessa época foram Darmesteter, Bréal e Meillet.

Arsène Darmesteter (1846 - 1888) foi quem sustentou uma concepção naturalista da linguagem, que ele acreditava transpor a ontogênese das significações; contudo, ele não caiu no mito da origem absoluta em meio a um historicismo temperado de seu tempo. Nessa ótica, o linguista atestou a linguagem como representação do

pensamento, ou seja, a palavra foi criada na medida em que exprimia o pensamento. Daí surgiu uma psicologia das significações, cuja maior contribuição foi a semântica substancializada em suas principais bases conceituais por Bréal.

Michel Bréal (1832 - 1915) buscou explicar os fatos linguísticos pelo uso linguístico, ao discernir, na tentativa naturalista, o antropomorfismo, cujo estilo metaforizado fazia o pesquisador desconsiderar seu objeto. Ele formulou os postulados concernentes à natureza da linguagem e às mudanças linguísticas, destarte, fundou o domínio da ciência das significações. Bréal evitou usar terminologias demasiado categóricas, o que foi resultante da concepção compreensiva da psicologia social de Gabriel de Tarde (1843 - 1904), que muito provavelmente o influenciou. Desse modo, o paralelo que existia entre Bréal e os neogramáticos ficou relativamente claro, pois se por um lado ele diferia deles quanto ao objeto de investigação, por outro as orientações da gramática comparada foram as informantes de seu projeto, que, ainda que atenuado, postulou regularidades sistematizáveis, cuja oposição às ciências dos sons passou a se chamar semântica.

A partir dessa configuração geral, o elemento subjetivo recebeu evidência e relevância, na medida em que o semanticista reconheceu que elementos tanto objetivos quanto subjetivos compunham o caráter heterogêneo da linguagem em sua constituição histórica. “Ou seja, para ele, a história diz respeito a uma relação do sujeito (do homem) com a linguagem, e há a marca da subjetividade daquele que fala naquilo que fala. E mais que isso: as línguas têm os elementos que marcam essa presença (GUIMARÃES, 2008, p. 14). A título de exemplo, os tempos verbais expressariam, juntamente com os diversos recursos lexicais, verbais, sintáticos, “desdobramentos da personalidade humana”. Tais apontamentos foram, de certa forma, retomados por outros linguistas, Bally, Benveniste, Ducrot, entre outros como Meillet.

Paul Jules Antoine Meillet (1866 - 1936) também contribuiu para o desenvolvimento da gramática comparada na França, entretanto sua perspectiva diferia de seus antecessores, porquanto seu enfoque era movido pelas causas sociais como fonte de mudanças linguísticas. Meillet acreditava que com as leis fonéticas, a analogia e o empréstimo, a estrutura da sociedade era o quarto princípio de explicação das mudanças linguísticas. Nasceu, então, uma distinção entre a linguística geral e a linguística como ciência social. Esta daria origem a uma das vertentes dos estudos da linguagem, a dialetologia. Assim, Meillet foi, juntamente com Bally, protagonista da emergência da sociolinguística francófona, por resolver a aparente antinomia linguagem/sociedade ao ressocializá-la em individual/coletivo.

Foi a partir dessas contribuições, dos métodos da gramática comparada, aplicada em outros ambientes e por outras menos estanques, que outro corte surgiu com as reflexões do “Curso de linguística geral” de Saussure. “A mais bela homenagem que se possa prestar à originalidade e ao vigor do pensamento saussuriano é a simples verificação de que, desde então, foi em discutir-lhe as teses que os linguistas empregaram o melhor de suas forças” (LEROY, 1971, p. 74).

Ferdinand de Saussure<sup>7</sup> (1857 - 1913) formalizou, no interior da reflexão filosófica da época, a linguística moderna a partir da concepção da língua como sistema e da desconstrução do sujeito psicológico livre. Diante disso, Saussure foi consagrado o pai do estruturalismo, mesmo nunca empregando o termo estrutura.

O mestre de Genebra, ao conceituar a língua, evidenciou uma antinomia fundamental, a distinção entre *langue* e *parole*. A primeira social, registrada passivamente, psíquica, soma de marcas em cada

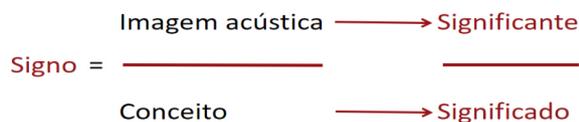
7 É possível dizer que Saussure consegue pôr fim ou pelo menos dar o melhor encaminhamento ao embate entre o naturalismo e o convencionalismo dos nomes levantado por Platão (427 - 347 a. C.) em seu diálogo “Crátilo”.

cérebro e um modelo coletivo, enquanto a outra individual, ato de vontade e de inteligência. Assim, era correto dizer que a língua era um fato social que poderia, então, ser vista sob duas perspectivas, individual ou coletiva; o “Curso de Linguística Geral” (CLG) assumiu a segunda como o viés a ser tratado pela linguística.

No desenvolver do CLG, Saussure chegou a diferenciar duas linguísticas, uma sincrônica e outra diacrônica, ou seja, tudo que se relacionasse com o aspecto “estático” seria sincrônico, o que dizia respeito às evoluções era diacrônico. Desse modo, ter-se-ia a linguagem dividida entre língua/fala e entre sincronia e diacronia. Todavia, a autonomia de ambas permitia atribuição de valor entre as unidades linguísticas somente na abordagem sincrônica.

Outro ponto relevante na teoria saussuriana foi a predominância da investigação da língua oral em relação à língua escrita, pois em seu entendimento era preciso, portanto, libertar-se da palavra escrita e estudar os sons da língua, substituir o artificial pelo natural. Ao propor tal contraponto, lançam-se as bases da fonologia e a distinção desta com relação à fonética, haja vista que a anterior está fora do tempo, ao passo que a posterior é uma ciência histórica. Outro aspecto que é de extrema importância é a teoria do signo.

“O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, as um conceito e uma imagem acústica (...). Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 1972, p. 80).



O linguista genebrino cindiu com a ideia de que a língua seria a tradutora do pensamento, quer dizer, a língua não era o reflexo

da realidade externa nem interna. Partindo desse ponto complexo Saussure destacou a natureza do signo, constituído de significado como conceito, significante como imagem acústica. Dessa forma, ele articulou fonética (ciência do som material) e fonologia (ciência da imagem acústica) para dar liame a essas duas entidades psíquicas.

Ao fazer a caracterização do signo, Saussure levantou suas características de imutabilidade, já que ninguém poderia alterá-lo a seu bel-prazer, e de arbitrariedade da associação entre significado e significante. Como exemplo, o significado irmã tem o significante em inglês [sister] e em português o significante [irmã]. Saussure percebeu uma relação entre determinadas associações, como o caso de dezenove, em que os dois elementos constituintes do significado eram motivados a construírem o significante [dezenove]. Houve, portanto, um laço tênue de motivação em certas construções linguísticas, isto é, o relativo pode ser absoluto ou relativo, imotivado ou motivado. Desse modo, a arbitrariedade concernia ao signo, a linearidade concernia somente ao significante, ou seja, havia a consideração de seu caráter temporal.

Ora, as relações para o mestre genebrino eram os principais mecanismos de funcionamento da língua. “Assim, pois, num estado de língua, tudo se baseia em relações” (ibid. p. 142). Ele estabeleceu o valor segundo uma relação negativa, pois era somente através do jogo de oposição que os signos adquiriam dotados de valor. “Para compreender por que a língua não pode ser senão um sistema de valores, basta considerara os dois elementos que entram em jogo no seu funcionamento: as ideias e os sons” (ibid. p. 130).

A partir dessa natureza relacional das unidades do sistema, Saussure situa a atividade da língua em duas esferas, as relações sintagmáticas e as relações associativas, sendo a primeira o encadeamento linear das unidades da língua, e a última, as associações entre palavras, fora da cadeia do discurso. Ou nas

palavras dele: “A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa séria efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos em *in absentia* numa série mnemônica virtual” (ibid. p. 143).

O José é legal

Eixo sintagmático (das relações)

A partir de Saussure com suas conceituais relações, fundou-se o estruturalismo nas ciências da linguagem, em especial na França. Foi com o francês Charles Bally (1865 - 1947), um dos contribuintes na elaboração do CLG, um atuante na recepção francófona da teoria de Saussure, que o estruturalismo tomou impulso. Bally preconizou uma concepção da linguística inteiramente voltada para o estudo das produções verbais, em contrapartida concordava com seu mestre genebrino ao dar à escrita uma aproximação da cadeia falada. Apontou para a estilística, situando-a ao lado da fala, pois a primeira se relacionava com a subjetividade linguística e para sua análise havia de se adentrar o domínio da língua falada. Nesse sentido, Bally distinguiu na língua falada duas esferas, afetiva e subjetiva, sendo, então, diante dessas duas esferas que a estilística deve trabalhar. Bally definiu, então, a estilística como “Estudo dos fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidades” (BALLY apud DUBOIS et al. 2006, p. 237).

Mais uma distinção importante feita por este linguista é a divisão tema/proposição, discriminação segundo a qual se fundamentou a linguística textual, já que visava delinear os moldes de construção frasal em: objeto do qual se fala (tema) e o que se dizia dele (proposição). Essa estava ao lado de outra distinção: *dictum/modus*. “*Modus* dizia respeito à atitude que o falante manifestava diante do conteúdo que ele produzia, ou *dictum*” (DUBOIS et al. 2006, p. 416). Em outras palavras,

“O *dictum* correspondeia à representação da parte intelectual do pensamento do falante, à parte formal do enunciado. O *modus*, por sua vez, era a parte mais essencial do enunciado, na qual a subjetividade do falante era explicitada” (FLORES, et al. 2009, p. 126). O primeiro como representação linguística, o segundo como o modo do dizer, ambos que a filosofia da linguagem posteriormente inscreveria, com Austin, em atos da fala, ato locucionário e ato ilocucionário.

Portanto, Bally promoveu uma concepção sociopragmática (PAVEAU; SARFATI, 2006) pautada na atividade enunciativa, que aos mecanismos de expressão no sujeito falante, pois toda fala se caracterizava por sentimentos, de maneira que fosse construída na troca verbal, ou seja, no local privilegiado de confrontação simbólica. Margeando a perspectiva da recepção na atividade linguística, ele levou em consideração que a presença do coenunciador operava coerção na enunciação. Enfim, Bally, depois de Bréal, antes de Benveniste e Ducrot, propôs um lugar fundamental para a subjetividade do sujeito nos estudos linguísticos.

Ao lado de Bally, estavam Gustave Guillaume (1883 - 1960) e Lucien Tesnière (1893 - 1954). Guillaume entendeu a língua segundo o mentalismo advindo da psicomecânica envolvida na produção da linguagem e asseverou que o pensamento construía a linguagem, tal como fez Piaget. Dito de outro modo, Guillaume privilegiou a noção de linguagem como representação sobre a de linguagem como meio de comunicação. A crítica que fez a Saussure referia-se à dicotomia *langue/parole*, pois essa oposição, em sua opinião, parecia insuficientemente sólida por não descrever a totalidade do ato de linguagem. A partir dessa crítica, ele propôs a fala a-física e fala física, sendo a primeira a língua enquanto possibilidade e a segunda a utilização efetiva da língua enquanto discurso, ou seja, da fala como ideia que se passa para a fala efetiva.

Guillaume sugeriu, então, três patamares de análise linguística, a saber: psicossistemática, como descrição do sistema da língua; psicomecânica, como descrição dos dados obtidos pela psicossistemática; e, por último, a psicossemiologia, como efeito dos signos em funcionamento (ibid.). Além disso, ele deslocou a concepção saussuriana da língua ao redefini-la como “um sistema de sistemas”. “Ao colocar a estrutura como imanente à língua realizada e ao definir seu método como uma aliança da observação do concreto e da reflexão abstrata, [ele] tem o cuidado de especificar que, nessa aliança, a última palavra pertence, bem entendido, à observação” (LEROY, 1971, p. 106).

Diferentemente, Tesnière tratou de uma sintaxe estrutural ao adotar como seu objeto de estudo a frase. Para tanto, tentou compreender as relações que as palavras ganhavam na frase por meio do conceito de conexão. A hierarquização das relações sintáticas ele chamou: estema. Esse era justamente o conjunto de traços que ligavam as palavras de uma frase (as conexões) (DUBOIS et al. 2006, p. 237). Para se estabelecer o estema de uma frase era preciso transformá-la da ordem linear à ordem estrutural, de maneira a dar uma definição de produção/recepção ao postular que falar uma língua era transformá-la da ordem estrutural à ordem linear, à semelhança da sintaxe gerativa-transformacional de Noam Chomsky.

Em relação às restrições da gramática tradicional, Tesnière delimitou o conceito de actante como uma forma de sujeito, tal qual um complemento do regente que participa do processo de ocorrência da ação cujo nome desencadeante é “nó verbal”, isto é, pivô da organização frasal. Ele, ainda, contribuiu para o ensino sob a perspectiva da tradução ao expor a noção de metataxe, que consistia em expressar as mesmas ideias em línguas diferentes através de estruturas sintáticas distintas, quer dizer, as traduções que comportavam metataxe seriam em certa medida profundas, já que a

finalidade última da tradução seria o conteúdo semântico. Tesnière, portanto, preservou o consagrado paralelismo entre o plano estrutural e o plano de conteúdo (PAVEAU; SARFATI, 2006).

O estruturalismo desenvolvido até aqui ganhou novo fôlego com a corrente funcionalista, possuidora de um ponto de vista que privilegiou as constantes mudanças da linguagem em sociedade. Os debates iniciais surgiram nos Círculos linguísticos de Praga e Copenhague, o primeiro representado nas figuras de Troubestskoï e Jakobson, e o segundo em Hjelmslev. Roman Jakobson (1896 - 1982) (re)trabalhou a primeira tipologia funcional da linguagem proposta pelo psicólogo e linguista alemão Karl Bühler (1879 - 1963), a saber, a função cognitiva, visando informar; a função expressiva, exteriorizando o estado interno do locutor; e, por fim, a função conativa, cujo objetivo é influenciar o destinatário. Por esta proposta de Bühler possuir pouca clareza na medida em que as funções expressiva e conativa eram centradas no destinatário, Jakobson as reformulou em funções: referencial, expressiva, conativa, fática, metalingüística e poética. Ainda que essa classificação seja aceita até hoje, criticou-se tanto o fato de as funções não se apoiarem em elementos estruturais específicos quanto de serem encontradas nos sistemas não-lingüísticos de comunicação.

“O que une o funcionalismo de Jakobson aos funcionalistas contemporâneos é, certamente, seu objeto teórico, ou seja, a língua em uso no seu contexto social internacional, ou seja, o processo comunicativo entre os falantes” (SILVA, 2008, p. 71-72).

Um dos pontos fortes em Jakobson foi seu pendore para estudar a língua literária, de forma a aproximar a linguística da literatura ao asseverar que esta era a expressão da cultura e da civilização. Foi na rebarba de Bühler e Jakobson que Michael Halliday propôs a relação entre as estruturas gramaticais de uma língua e suas funções, estabelecendo assim três funções: ideacional, cuja interioridade do locutor e seu mundo exterior são expressos, interpessoal, que

permite o estabelecimento entre os membros da sociedade, e a textual, que permite a organização do discurso referente à situação. No que tange às funções, os linguistas de Praga acreditavam que em um enunciado poderia haver mais de uma, no entanto apenas uma se sobressaia, enquanto Halliday, em contrapartida, afirmava que todas estão presentes simultaneamente numa sentença sem prioridade de uma sobre a outra. A abordagem funcional de Halliday tornou-se uma consideração de crucial relevância para os estudos linguísticos, a saber, “o texto como unidade de análise primária” (TRASK, 2013, p. 48).

Ao mesmo tempo, o descritivismo consolidou-se por uma concepção mecanicista da linguagem. Foi nesta linha que se constituiu a teoria geral da linguagem proposta por Leonard Bloomfield (1887 - 1949) em sua obra “Le Langue”. Bloomfield adotou um modelo behaviorista de descrição dos processos languageiros, primando pela descrição como uma escolha metodológica em que não havia historicismo nem funcionalismo, observação que o distinguiu de seu colega e contemporâneo E. Sapir. Como consequência, a linguagem behaviorista foi empregada para representar o esquema de interação linguística, de modo que, havendo um estímulo (S) sempre, em tese, haveria uma resposta (r) que, por sua vez, consistiria no estímulo (s) para outra resposta (R); esquematicamente era uma teoria comportamental da comunicação que poderia ser sintetizada assim: S-r-s-R. “Bloomfield não deixou todavia de chocar muito seus compatriotas ao defender uma teoria de tipo claramente materialista (deixando de parte a consciência, que é inacessível, ele explica o mecanismo da comunicação pelo jogo de estímulos e reações)” (LEROY, 1971, p. 129).

Decorrente dessa perspectiva, a significação de uma forma linguística estava subordinada ao esquema acima, em outras palavras, condicionada à resposta que proporciona ao ouvinte (destinatário). Ao tomar esse pressuposto, a reflexão sobre o funcionamento da

linguagem conceituou a enunciação como organização das formas linguísticas e constituintes, conceitos centrais em sua teoria, de acordo com Peveau e Sarfati (2006).

Bloomfield caracterizou as formas linguísticas como sinais que, pronunciados, suscitavam respostas a uma situação. No entanto, para especificá-las, ele criou uma distinção entre formas lexicais, combinação de fonemas que possuía um sentido estável, e formas gramaticais, combinação do que o linguista chamou de taxema (traço de disposição gramatical, como uma interrogação ou exclamação). Para a análise bloomfieldiana, grosso modo, os constituintes eram compostos de elementos que se referem às ações e a seus realizadores. A partir dessas caracterizações, o linguista definiu a gramática de uma língua como sistema de arranjo de formas linguísticas. Nesse sentido ele propôs quatro tipos de arranjos: de ordem (Ex.: em português, SVO), modulação (Ex.: exclamação, interrogação e etc.), modificação fonética (Ex.: do + not = don't) e a seleção de formas (Ex.: beber leite). Portanto, o funcionamento dessas classes de arranjos foi visto como o objetivo da linguística para Bloomfield, objetivo que seus sucessores, em particular Harris, realizaram sob o nome de “distribucionalismo”.

Zellig S. Harris (1909 - 1992) foi um dos grandes proponentes do método distribucional e da gramática transformacional. Ele fez uso do método descritivo da língua, que consiste em inventariar as unidades estruturas, e em seguida determinar as regras de relacionamento. Harris sustentou dois planos na língua, fonológico e morfológico. Conseqüentemente, as unidades da língua foram divididas em elementos fonemáticos e morfemáticos. Em contrapartida, para Saussure, a unidade não existia em si mesma, ela não era dada a priori, ela só existia no interior do sistema da língua, definida negativamente em relação a outros elementos. Dada a distribuição repousar sobre o contexto imediato, a posição de Harris em relação ao sentido não deu margens a paralelismos entre estrutura morfológica e sentido

externo. A esse ponto, a tal opção metodológica era um tanto restrita para tratar de casos de ambiguidades, como apontam Peveau e Sarfati (2006). Harris, adiante em suas investigações, passou da abordagem distribucionalista para o transformacionalismo, que era o segundo momento de sua pesquisa, influenciando muitos estudiosos, como é o caso do francês Maurice Gross (1934 - 2001).

O projeto transformacionalista partiu da noção de que a transformação respondia a uma interrogação sobre as relações estabelecidas entre frases. Para Harris, a relação entre frases era fundada na transformação cujo suporte se dava em frases simples para a construção de frases complexas, as quais estruturavam o que pode ser chamado texto.

Outro ponto em que Harris foi precursor na chamada análise de discurso<sup>8</sup>, pois foi ele quem cunhou essa expressão e sugeriu que discurso era um enunciado contínuo. Ou seja, para o linguista a análise de uma estrutura linguística ia além da frase e chegava ao que ele acreditava ser o discurso. Para dar conta de uma análise maior que a frase, ele usou o método das classes de equivalências, em que o eixo horizontal representava as classes de correspondência contidas numa única frase, e o eixo vertical caracterizava as frases sucessivas, de modo a formar um esquema de ocorrência das classes de equivalência em todo o texto, de acordo com Peveau e Sarfati (2006).

A linguística bloomfieldiana não influenciou somente Harris, assim o fez também com Kenneth Pike (1912 - 2000). Este adotou a concepção behaviorista de Bloomfield, mas, por outro lado, postulava que a linguística deveria se inspirar em outras ciências humanas. Propôs uma integração da fonologia à função e à significação. É nesse sentido que Pike asseverou que o comportamento humano

8 "O próprio termo "análise do discurso" vem de um artigo de Harry (1932), que a entendia como a extensão dos procedimentos distribucionais a unidade transfrásticas [CF]" (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 43).

era estruturado e não fruto do acaso, portanto, desse modo, fundou a tagmêmica, cuja principal unidade é o tagmema, dotada de quatro características simultâneas, a saber, lugar, classe, função e coesão. De acordo com Paveau e Sarfati (2006), a tagmêmica diferiu-se da maioria das correntes linguísticas norteamericanas de sua época, já que ultrapassava os limites da frase e ia até a estrutura total do texto sem deixar de lado seu contexto.

Noam Chomsky (1928) foi um dos grandes linguistas do século XX ao romper com paradigmas, além de formalizar rigorosamente a linguística (ORLANDI, 2012) com o modelo gerativo-transformacional, centrado na sintaxe como cerne da análise da língua. Chomsky deu o estatuto de autônoma para sintaxe ao defini-la como o estudo dos princípios e dos processos cujas frases são construídas. “Chomsky mostrou que as análises sintáticas da frase praticadas até então eram inadequadas em diversos aspectos, sobretudo porque deixamos de levar em conta a diferença entre os níveis “superficial” e “profundo” da estrutura gramatical” (WEEDWOOD, 2002, p. 132). Deste modo, o linguista norteamericano acreditava em um modelo capaz de explicar todas as frases gramaticais de uma língua, no plano de sua estrutura sintática. Propôs que, a partir de frases nucleares, surgem frases complexas ou derivadas, as quais poderiam ser transformadas em suas primárias. Ou seja, através do processo de transformação de estruturas elementares se geram outras estruturas, assim, infinitamente. Diante disso, instituiu-se o modelo padrão, que, por sua vez, introduziu os novos conceitos, competência/desempenho e estruturas profundas/superficiais.

O par competência e desempenho fez, em boa medida, analogia com a distinção saussuriana língua/fala. E estruturas profundas eram as germinativas em relação às superficiais, isto é, as profundas se originam e acarretam as superficiais. Um aspecto que chamava atenção na teoria sintática eram os seus três componentes: sintático,

constituído por regras e esquemas e que permite engendramento de outras estruturas, semântico, auxiliar à interpretação em conjunto com o componente fonológico. Esses aspectos deram, segundo Paveau e Sarfati (2006), uma dimensão mentalista ao seu modelo, uma vez que implicavam a presença de esquemas internos ao sujeito, anteriores à produção das frases, de modo a se afastar do distribucionalismo e a se aproximar do empirismo e do mecanicismo.

Por outro lado, no rumo de novas abordagens (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017), surgem as linguísticas enunciativas como crítica à linguística saussuriana. Em outras palavras, tratava-se de uma linguística que relaciona o funcionamento do código aos atos da fala, que, por sua vez, deviam se relacionar a procedimentos formais de produção de enunciados, já que esses procedimentos não possuíam realidade empírica. Então, os atos colocariam em marcha os sentidos da língua referentes à sua manifestação em discurso, por meio de uma modelo de produção e interpretação dos enunciados. De acordo com Paveau e Sarfati (2006), nessa perspectiva a unidade superior de análise era a frase.

A gênese da noção de enunciação remonta a C. Bally e a M. Bakhtin (1895 - 1975), ainda que se apresente Émile Benveniste como pai da teoria da enunciação. Bally, ao tratar da questão do discurso indireto livre, originou uma vertente de estudos da enunciação, e Bakhtin concebeu a linguagem necessariamente considerando a enunciação e seus processos linguísticos. Outro linguista a participar da construção da noção de enunciação foi Roman Jakobson com seu famoso esquema de comunicação. Contudo, foi com as definições de E. Benveniste (1902 - 1976) que a teoria da enunciação ganhou corpo. A definição canônica de enunciação que ele deu foi: "A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (1989, p. 89).

Benveniste compreendeu a língua sob dois domínios, o semiótico e o semântico. O primeiro consistia no domínio da língua, enquanto o segundo no da fala. Assim, o semiótico se referia ao nível intralinguístico, por considerar o sistema de signos em relação de oposição entre si. Todavia, o semântico pertencia ao quadro da enunciação. Com efeito, para esse linguista a frase era unidade do discurso na medida em que o locutor aí exercia seu papel; além de que Benveniste a considerava existente apenas no momento em que era proferida. Paveau e Sarfati (2006) observam que tal abordagem fazia referência à gramática como procedimento de enunciação.

Outro conceito de crucial importância para se entender o pensamento desse linguista era de *aparelho formal de enunciação*, pois era através dele que se podiam perceber as marcas da “colocação em funcionamento da língua”. Esquemáticamente a enunciação é (SOARES, 2018, p. 17):

#### Enunciação

Enunciador → aparelho formal de enunciação → enunciado

Para caracterizar as marcas da situação de enunciação, Benveniste usou a palavra “dêixis” (“mostrar” em grego). Assim as formas dêiticas recobriam, geralmente ao mesmo tempo, os indicadores pessoais e espaço-temporal (para tratar desse fenômeno, Jakobson utilizara o termo *embrayeur* [trad. ing. shifter]). Deste modo, havia os dêiticos pessoais, eu e tu (1<sup>a</sup>/ e 2<sup>a</sup> pessoa), diferentemente da 3<sup>a</sup>, ou seja, a não-pessoa<sup>9</sup>, além dos dêiticos espaço-temporal indicados por demonstrativos, advérbios, adjetivos. Outro aspecto relevante em sua obra, segundo Paveau e Sarfati (2006), eram os planos de enunciação, que traduziam o investimento do locutor em seu texto, a saber dois, o da história e o do discurso.

9 Na gramática tradicional, o termo “ele” figura entre os pronomes pessoais, constituindo a terceira pessoas do discurso. No entanto, Benveniste não concorda com a denominação de “pessoa” por não considerar que “ele” participa efetivamente da enunciação, em nenhum momento, como locutor.

Na enunciação histórica existe o domínio da escrita, predominância da 3ª p., ausência de marcas dêiticas, e a referência é o tempo do acontecimento enunciado, ao passo que na enunciação do discurso há o domínio da oralidade, formas pessoais, marcas dêiticas, e a referência é o tempo da enunciação. “Benveniste vê, para além dos dêiticos, igualmente indicadores da subjetividade em certas formas verbais pessoais como ‘supor’, ‘presumir’, duvidar, etc., que, conjugados na primeira pessoa, registram uma atitude do locutor em relação ao enunciado” (CARBONI, 2012, p. 70).

Outra teoria enunciativa desenvolvida foi a do linguista Oswald Ducrot (1930), que partiu da polifonia de Bakhtin para dizer das vozes da enunciação. Embora ambos não falem da mesma coisa no uso do conceito de polifonia, perseguiram o mesmo objetivo, isto é, colocar em discussão a unicidade do sujeito falante. “Ducrot construiu uma teoria do sentido, considerando-o um produto da enunciação. Por isso, sua noção de enunciação não se vinculou ao ato enunciativo, mas ao fato de que o enunciado aparece. Desse modo, não se interessava pelo sujeito produtor do enunciado, mas pelas figuras e enunciativas constituídas no sentido do enunciado. Esse sentido trouxe uma representação da enunciação como um confronto de pontos de vista diferentes. Sendo assim, foi a descrição do sentido do enunciado que evidenciou a sua enunciação” (FLORES, et al. 2009, p. 104).

Foi nessa perspectiva que Ducrot instaurou dois lugares de inscrição da polifonia: a negação na medida em que seu enunciado supõe um outro de pensamento inverso e a ironia, que permite ao locutor apresentar sua enunciação sob o ponto de vista de outro enunciadador. Portanto, ele considerou a polifonia um “fenômeno que possibilita ao locutor apresentar diferentes pontos de vista em um determinado enunciado” (ibid. p. 188). Ducrot também trabalhou em suas obras as ocorrências do posto e do pressuposto, sendo o primeiro “sentido explícito inscrito em um enunciado, cuja responsabilidade é atribuída a

um enunciador, enquanto o segundo é sentido implícito inscrito em um enunciado, cuja responsabilidade é atribuída a um enunciador” (ibid.)

Ainda dentro das teorias da enunciação, três níveis de representação de fenômenos foram postulados por Antoine Culioli (1924 - 2018), que corresponderam a uma tríade terminológica precisa. Em outras palavras, os níveis são: *linguageiro*, que resulta da atividade de linguagem; *lingüístico*, que concerne às oposições de construções textuais; e *metalingüístico*, atividade desenvolvida pelo linguista. Para essa atividade, ele formulou algumas ferramentas, entre elas a *léxis* e a *noção*. A primeira descreveu-se como “ente metalingüístico referente a um esquema relacional entendido como um modelo abstrato da estrutura predicativa mínima” (FLORES, et al. 2009, p. 148). A *léxis* poderia ser entendida como um esquema sintático em que há um termo de partida e um termo de chegada vinculados por um relator de predicação orientador da relação, como em: “O livro de José”. Quanto à *noção*, poderia ser compreendida como “forma virtual de representação não-lingüística da atividade simbólica, ligada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de quaisquer experiências” (ibid. p. 177). Portanto, é na *noção* que existe a articulação do lingüístico com o extralingüístico; nessa conexão entre esferas de atuação humana intrincadas temos aproximações feitas pela *noção*: “ler”, “livro”, “leitura”, “biblioteca” etc.

Segundo Paveau e Sarfati (2006), Culioli apresentou a partir da *noção* de enunciado a de coenunciação, porquanto o enunciador é, em primeira instância, seu próprio receptor. Para esse campo, esse linguista elaborou operações enunciativas, entre elas encontra-se a operação de localização e as operações constitutivas de um enunciado.

Ainda dentro das teorias enunciativas emergiu a semântica de textos, que defendeu a dimensão simbólica da linguagem pela via textual. François Rastier (1945) foi um dos vanguardistas dessa perspectiva, e entre suas proposições encontraram-se os componentes

semânticos, que eram instâncias imanentes de codificação e de fenômeno manifesto, sendo sistema funcional (dialeto), normas e uso constituintes da primeira instância, enquanto o texto, em suas manifestações, era pertencente ao fenômeno.

Aqui ocorreu certo desvio das linguísticas enunciativas para as discursivas, as quais se fundamentaram na dimensão transfrástica dos enunciados e sob esse rótulo Paveau e Sarfati (2006) etiquetaram a linguística textual, a análise do discurso e a semântica de textos.

O texto passou a ser objeto a partir das investigações de Zellig Harris (1909 - 1992) e passou a ter uma relação com o discurso, na medida em que este foi pensado como o produto da soma de processos de construção textual (SOARES, 2018). “A concepção de enunciado como discurso exige que sejam formuladas as regras de encadeamento dos processos discursivos” (DUBOIS, et al., 2006, p. 193). Harris submeteu outras unidades da língua à análise distribucional, de modo que essa obteve a capacidade de perceber, por exemplo, zonas de equivalência de sentido e, portanto, de aproximação de enunciados. Observou-se que entre “aqui chove *em meados de fevereiro*” e “aqui chove *no fim do mês de fevereiro*” havia uma equivalência linguística presente nos termos em itálico, que poderiam ser comutados sem prejuízo semântico à sentença.

Autor significativo nessa perspectiva foi o linguista neerlandês Teun van Dijk (1943), que postulou uma gramática do texto a partir de uma abordagem cognitiva, já que considerava as capacidades que os sujeitos possuíam de reconhecer textos bem formados. Van Dijk aventou três níveis de textualidade: *microestrutural*, marcado por unidades semânticas de base; *macroestrutural*, relacionado às grandes proposições de funcionamento não mais semântico, mas cognitivo; e *superestrutural*, assinalado pela organização da produção e interpretação dos discursos em gêneros. Paveau e Sarfati (2006) apontaram algumas noções fundamentais da linguística textual, como: coesão e coerência.

Esta concerne ao “grau em que um determinado trecho de *discurso*<sup>10</sup> ‘faz sentido’” (TRASK, 2011, p. 56, **negrito do autor**). Aquela concerne à “presença em um *discurso* de ligações linguísticas explícitas que criam estrutura” (ibid. p. 57, **negrito do autor**).

Diante delas, existem os organizadores textuais, a saber, marcadores de retomada no plano frástico (anáfora no caso de pronomes), morfemas de ligação no plano transfrástico (advérbios e conectores), e os marcadores referentes ao conjunto do texto no plano suprafrástico ou macrossintático. Mais uma noção acerca da linguística do texto, segundo Paveau e Sarfati (2006), era a de progressão temática que consiste no par tema/rema, que está presente em toda informação, na medida em que a informação é o rema do tema, isto é, sobre o que se informa. Nesse sentido, existem dois tipos de progressão temática, uma constante, na qual cada frase possui o mesmo tema, porém um outro rema. Em contrapartida há uma linearidade, em que o rema da unidade anterior passa a ser o tema da seguinte. E uma progressão assimétrica, em que o rema pode continuar sendo o rema tendo um apenas um tema, de modo que há uma variação constante entre rema/rema e tema/rema.

Somada a essa contribuição, a linguística textual, para construir o conceito de tipologia textual, partiu dos tipos elementares e secundários de Bakhtin, conforme Paveau e Sarfati (ibid.). Em outras palavras, os gêneros de discurso primários estão ligados à produção espontânea e corriqueira, e seu desdobramento em secundários, presentes em textos escritos mais elaborados e de maior densidade histórica em sua representatividade social.

Outro avanço no percurso da linguística teve uma de suas marcas com J. M. Adam (1947 - 2012), que sugeriu avanços no que tange à articulação do texto com o domínio da análise do discurso,

10 O uso desse termo, nesse contexto, quer dizer sobre a manifestação do próprio texto.

fato que implicou certo número de observações sobre os objetos, texto, discurso e gênero; assim, texto é um objeto abstrato, por ser definido como agenciador de unidades, o discurso constrói-se a partir da interdiscursividade, os gêneros (de discurso) constituem uma categoria de pensar o texto integrado a seu campo cultural. Portanto, o texto como objeto concreto é um enunciado completo, o resultado sempre singular de um ato de enunciação. Adam, para entender o funcionamento do texto, distinguiu as operações de textualização em segmentação e ligação, uma dependente da outra. Os mecanismos de segmentação incluíram períodos e parágrafos, títulos, seções e capítulos, artigos e entradas lexicais, versos, estrofes e cantos, entre outros possíveis. A ligação, por sua vez, é oferecida principalmente por meio dos dispositivos de coesão textual.

Um divisor de águas, no interior do campo da linguística, foi o surgimento da Análise do Discurso (doravante AD) no final dos anos 1960, propondo-se um campo autônomo por seu conjunto de noções, ferramentas e métodos específicos. Paveau e Sarfati (ibid.), ao se referirem à AD, dizem que esta considera primordialmente as condições de produção tanto do texto oral quanto do escrito. Os mesmos autores acrescentam à AD um posicionamento teórico particular, no sentido de se apoiar nas ciências humanas, história, filosofia, sociologia, psicanálise, entre outros campos do saber. Além de essa perspectiva ter trazido a transdisciplinaridade à baila, não deixou o rigor teórico nem a competência linguística de lado, produzindo uma sólida armadura, segundo Paveau e Sarfati (ibid.).

Dentre os intelectuais que integraram o quadro teórico inicial da AD estão Michel Foucault (1926 - 1984), Michel Pêcheux (1938 - 1983), Dominique Maingueneau (1950) e Louis Althusser (1918 - 1990), entre outros. O último construiu uma concepção cara à AD francesa, a de “aparelho ideológico do estado”. “Ao articular o marxismo e psicanálise”, Althusser declara que “a ideologia é eterna, como o inconsciente”

(1992, p. 85), e, formula, ainda, a seguinte ideia: “ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ibid.). Althusser considera a ideologia uma existência material, materializada em práticas discursivas. Introduziu, portanto, o conceito de interpelação, isto é, a dimensão discursiva da ideologia responsável por tornar indivíduo sujeito. Dessa forma, à medida que a ideologia é fundamentalmente discurso, é a análise dos discursos que permitiria a compreensão de seus mecanismos de funcionamento. De acordo com Paveau e Sarfati (2006), foi Pêcheux quem captou a herança althusseriana para organizar o arcabouço teórico da AD.

Uma das noções basilares para a AD, por trazer à tona a ligação entre língua, sujeito e história, foi a de discurso. Este, como conceito, foi forjado sobre o vão da oposição saussureana: língua x fala (*langue x parole*). Entre a língua e a fala, existia a terceira via, o discurso, pautado nas relações entre língua, sujeito e história. Em “Análise automática do discurso” (1969), Pêcheux definiu discurso como “efeitos de sentido entre os pontos A e B” (2010, p. 81). Os pontos A e B são as posições ocupadas pelos sujeitos atravessados pela história; os efeitos de sentidos são construídos no uso da língua; a história compõe as condições de produção dos efeitos de sentido.

A teoria do valor dos signos na língua elaborada por Saussure demonstrou que um signo tem sempre relação com outro (SOARES, 2018). Um signo significa o que outros não significam, e por essa razão ele adquire valor na língua. Pêcheux destacou o fato de que nas palavras estão impressos os sentidos da formação ideológica, da formação social e da formação discursiva e que esses sentidos adquirem valor por não serem outros (ORLANDI, 2009). O sentido da palavra “comunismo” em uma dada formação discursiva progressista era positivo porque se contrapunha ao sentido de capitalista. Ao contrário, em uma dada formação discursiva conservadora, o sentido da palavra “comunismo” seria negativo porque se opunha ao sentido

de “liberalismo” escravagista. Os sentidos no interior dos discursos estão em oposições, de maneira a adquirirem valor nos discursos.

Falar em análise do discurso consistia em tocar na formação discursiva; essa noção foi elaborada por Foucault e desenvolvida por Pêcheux para ser a relação entre práticas discursivas e sociais. Nesse tocante, Pêcheux propôs que, para que uma formação discursiva fosse considerada como tal, ela se constituiria de elementos comuns, como objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas. Portanto, a existência desses elementos permitiu uma definição de discurso como conjunto de enunciados, na medida em que se apoiassem na mesma formação discursiva, sendo essa estreitamente ligada às práticas discursivas.

D. Maingueneau enquadrou a aparelhagem conceitual e metodológica da AD. Segundo Paveau e Sarfati (2006), ele apontou três conceitos fundamentais, a formação discursiva, a superfície discursiva e o discurso, que é a relação que une as duas últimas. Maingueneau também conjecturou sete hipóteses acerca da construção do discurso, a saber, *a intercompreensão, o sistema de restrições, a competência interdiscursiva, a prática discursiva, prática intersemiótica, inscrição sócio-histórica e interdiscurso*, sendo a última fundamental para o desenvolvimento básico da análise do discurso, pois o interdiscurso teria precedência sobre o discurso, o que quer dizer que o ponto de análise não era o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos.

Dentro das reflexões linguísticas vinculadas à função do uso da língua, outro horizonte teórico tomou forma, as teorias pragmáticas. Essa perspectiva surgida na filosofia da linguagem se integrou à linguística ou se adapta, mesmo possuindo identidade própria. “Um dos fundamentos da abordagem ‘analítica’ da linguagem se firmava na observação de que ao enunciar uma frase numa dada situação de comunicação, o falante executa um certo tipo de ato social” (MARTIN,

2003, p. 132, aspas do autor). Entre os teóricos dessa abordagem<sup>11</sup> se encontrava John L. Austin (1911 - 1960) com a teoria dos atos de fala.

Austin introduziu na abordagem analítica a hipótese performativa, que consistia na realização de ação pela linguagem verbal, e em contrapartida à constativa, que descrevia o estado das coisas. Conforme Paveau e Sarfati (2006), ambos os usos da linguagem cotidiana seriam dependentes das convenções em que eram enunciados. Portanto, a teoria dos atos de fala estaria sob o ponto de vista do locutor, porém as condições de produção não poderiam ser deixadas para trás. A partir desse ponto Austin afirmou que um ato de fala era um processo complexo formado por três atos estreitamente intrincados (MARTIN, 2003) (PAVEAU; SARFATI, 2006) (KOCH, 2006), um ato locucionário, que consistia em um ato de referência; um ilocucionário, que apresentava o que se fazia naquilo que se dizia; e um perlocucionário realizado pelo fato de dizer aquilo que era dito.

Em outros termos, o ato locucionário se tratava da própria enunciação, ou seja, de colocar a língua em uso independentemente de seu contexto escrito, oral ou multimodal. Já o ato ilocucionário era o que se fazia quando se falava, como no clássico exemplo de Austin, para “declarar que uma sessão está aberta era preciso ser o presidente da sessão”. Portanto, para realização do ato ilocucionário era necessário que certas condições extralinguísticas pudessem ser realizadas (ARMENGAUD, 2006). Os atos perlocucionários eram propriamente caracterizados por seus efeitos “causados” em seus alocutários, isto é, em seus interlocutores; alguns exemplos dos efeitos perlocucionários: ficar convencido, emocionado, irritado, intimidado, entre outros (ibid.).

11 Também conhecida como filosofia analítica por conta de sua origem se dar no interior da chamada escola analítica, cuja análise do significado de enunciados linguísticos é o principal escopo.

Austin teve um continuador, S. R. Searle (1928 - 2013), que, segundo Paveau e Sarfati (2006), reformulou pontos da teoria dos atos da fala através de alguns critérios de comunicação.

Na esteira das teorias pragmáticas esteve Herbert Paul Grice (1913 - 1988) com a hipótese do caráter intencional da comunicação ao dar forma à teoria da conversação. Para tanto, ele postulou o *princípio da cooperação*. Grice (1975), em uma série de máximas, traduziu tal princípio desta maneira: a) máxima de qualidade: tente fazer da sua contribuição uma verdade, ou seja, não diga o que você acredita que seja falso, ou não diga nada de que você não tenha evidências adequadas; b) máxima de quantidade: faça a sua contribuição ser tão informativa quanto necessária ao objetivo da comunicação, nem mais nem menos informativa; c) máxima de relevância: faça com que suas contribuições sejam relevantes; d) máxima de modo: seja claro e, especificamente, evite ambiguidades, evite obscuridades, seja breve e seja ordenado.

Para exemplificar a importância da máxima de relevância, Cançado (2015, p. 153) usou o seguinte diálogo como exemplo:

A: Você já almoçou?

B: Realmente eu vendo carros.

Um diálogo como esse poderia ser considerado como desrespeitando, em primeiro lugar, o princípio de cooperação e, em segundo lugar, comprometendo a máxima da relevância. Ainda que houvesse um tipo de situação em que o diálogo acima tivesse sentido, seria uma exceção por meio da qual a regra se confirmaria (SOARES, 2018).

“Essas máximas geralmente permanecem não formuladas. Elas constituem não tanto prescrições diretas, mas o fundo tácito a partir do qual se interpreta toda comunicação” (ARMENGAUD, 2006,

p. 89). De acordo como Medina (2007), o desrespeito às máximas resulta em implicaturas conversacionais, que são produzidas não pelas convenções, mas por necessidades intencionais de produção de sentido.

Também foi destaque na pragmática Oswald Ducrot, advogando em favor de um “estruturalismo do discurso ideal”. Ele formulou e articulou os conceitos: posto, pressuposto e subtendido, entre outros. Diferentemente do pressuposto, o subentendido surge das inferências que o coenunciador produz a partir do contexto, ou seja, o subentendido é relativo à recepção do enunciado. Já o pressuposto necessariamente decorre do posto. Em outras palavras, o pressuposto está subjacente ao posto, como, por exemplo, em “José parou de fumar” há um pressuposto de que José fumava.

“Os subentendidos possuem, no entanto, uma caracterização positiva: é que eles possuem, ao lado do *sentido subentendido*, um primeiro significado, o seu sentido literal” (LOPES, 2008, p. 288).

João não detesta o vinho (sentido literal).

João gosta muito do vinho (sentido subentendido).

Assim, o posto e o pressuposto foram entendidos por Ducrot como constituintes do enunciado e, então, deveriam ser tratados como componentes linguísticos; os subentendidos, ausentes do enunciado, derivam das condições de enunciação e como tal são constituintes do componente retórico.

Na descrição desses aspectos, Ducrot proporcionou um significativo desenvolvimento da análise semântica com impacto na pragmática.

Ainda, há outras correntes pragmáticas no interior dos estudos da linguística, como a pragmática cognitivista de D. Sperber e D. Wilson, que parte dos estudos de Grice, os quais retomam o

código e a codificação a partir da inferência e postulam a teoria da pertinência; e a Escola de Palo Alto com a pragmática cultural, sob a figura de P. Watzlawick, que pesquisa, dentro da cultura, o sistema de comunicação e suas características sem deixar de lado a semântica em sua modalidade de acontecimento social. Portanto, nota-se que as investigações continuam e têm suas ancoragens em estudos anteriores no mesmo campo ou em campos adjacentes à linguística.

“A linguística é hoje uma das disciplinas mais vivas sobre a face da terra. Nos últimos 40 anos, aproximadamente, é provável que tenhamos aprendido mais sobre a língua do que conseguiram fazê-lo nossos antepassados em dois mil anos, e não há razões para achar que esse ritmo esteja se reduzindo no momento atual” (TRASK, 2011, p. 179).

Como disse Orlandi (2012), o interesse pela linguagem não é recente, remonta ao passado, antes de todo o caminho aqui destacado, e, se ainda esse interesse se mantém vivo, não há dúvidas, continuará por muito tempo, o que quer dizer que teorias estão por vir, mas que não se deve esquecer do trajeto percorrido, pois a “antítese” carrega algo da “tese”, estando essa, ainda que minimamente, presente em sua “síntese”.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, A. *Aparelhos Ideológicos do Estado: Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- ARMENGAUD, F. *A pragmática*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral II*. Trad. Eduardo Guimarães [et al]. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- CANÇADO, M. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- CARBONI, F. *Introdução à Linguística*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- CHARAUDEAU, P; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2 ed. Trad. Fabiana Komesu et. al. São Paulo: Contexto, 2008.
- COLOMBAT, B; PUECH, C; FOURNIER, J-M; *Uma história das ideias linguísticas*. Trad. Jacqueline Léon; Marli Quadros Leite. São Paulo: Contexto, 2017.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. Trad. I. Blikstein et al. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. (orgs). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GUIMARÃES, E. A linguística é uma ciência histórica? In: BRÉAL, M. *Ensaio de semântica*. Trad. Eduardo Guimarães et. al. 2 ed. Campinas, SP: Editora RG, 2008.
- GRICE, P. *Logic and Conversation*. New York: Academic Press, 1975.
- KOCH, I. G. V. *Inter-ação pela linguagem*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- LEROY, M. *As grandes correntes da linguística moderna*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; USP, 1979.

- ORLANDI, E. *O que é linguística*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8 ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Pêcheux hoje*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2017.
- MARTIN, R. *Para entender a Linguística: epistemologia elementar de uma disciplina*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo:Parábola Editorial, 2003.
- MEDINA, J. *Linguagem: conceitos-chave em filosofia*. Trad. Fernando José R. da Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- PAVEAU, M-A; SARFATI, G-E. *As grandes Teorias da Linguística: da Gramática Comparada à Pragmática*. Trad. Rosário Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006.
- PÊCHEUX, M. [1969]. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. Bethania S. Mariani [et. al.]. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- ROUSSEAU, J-J. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Trad. Fulvia M. L. Moretto. 3 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 4 ed São Paulo: Cultrix, 1972.
- SILVA, R. M. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- SOARES, T. B. *Percurso Linguístico: conceitos, críticas e apontamentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad. Rodolfo Ilari. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- TRASK, R. L. *Entendendo linguística*. Trad. Ana Carolina Gasonato. São Paulo, Leya, 2013.
- WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. Trad. Marcos Bagno. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

## SOBRE O AUTOR

### Thiago Barbosa Soares

Possui graduação em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí (2009), em Psicologia pela Universidade Paulista (2014) e em Filosofia pela Universidade de Franca (2014), especialização em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018). É membro pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso (LABOR-UFSCar). É professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação *stricto sensu* em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso francesa, atuando principalmente nos seguintes temas: mídia, sucesso, teoria e análise do texto.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

analisar 11  
análises 11, 24, 38  
analogia 11, 12, 24, 28, 38  
arcaico 12  
atitudes 13  
autor 10, 16, 44, 48

### C

comparação 11, 14  
conceitos 15, 22, 36, 38, 47, 50, 53  
contextualização 15  
crenças 13  
crise 12

### D

descrição 10, 11, 16, 19, 33, 35, 41, 50  
Dialetologia 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 24  
dialetos 10, 11, 12  
diferenciações 10  
diferenciações dialetais 10  
disciplina 10, 11, 13, 19, 53

### E

estudos 11, 12, 14, 21, 26, 28, 32, 35, 39, 50, 51

### F

falante 12, 13, 14, 31, 32, 41, 47

### G

gramáticas 11, 24  
gramatização 11  
gregos 10, 21

### I

identificação 10, 11  
instrumento 10

### L

leitora 16  
limites 10, 12, 19, 25, 38  
língua 10, 11, 13, 14, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 43, 46, 47, 48, 51  
Linguística 10, 11, 12, 16, 17, 18, 19, 23, 25, 29, 52, 53

### M

modelo 11, 14, 15, 29, 35, 38, 39, 42  
mudança 11, 12, 21, 22

### N

neogramáticos 12, 24, 25, 27

### O

obra 10, 16, 19, 26, 35, 40, 53

### P

palavra 15, 25, 27, 29, 33, 40, 46  
pesquisas 11, 22  
processar 11  
protolíngua 11  
Psicolinguística 12, 14

### S

sistemas 10, 33, 34  
sistematizar 11  
Sociolinguística 12, 13

### T

textos 11, 42, 43, 44  
trabalho 10, 12, 15

### V

variações 11, 12, 13  
vocabulários 11

WWW.PIMENTACULTURAL.COM

*Concisa*  
apresentação  
da LINGUÍSTICA

um panorama  
da gramática  
comparada  
à pragmática